

# Prefácio

O processo que conduziu à publicação deste estudo monográfico teve o seu início em Junho de 1991, com a intervenção arqueológica preventiva realizada no subsolo dos edifícios propriedade do Banco Comercial Português, que aquela instituição pretendia remodelar e transformar na sua nova sede, em Lisboa. Os trabalhos arqueológicos prolongar-se-iam até Junho de 1995. Em Outubro de 1993, ingressei no Mestrado em Arqueologia ministrado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o primeiro específico da disciplina, em Portugal. Sendo nesse momento já claro o interesse e importância dos contextos industriais romanos na escavação que eu me encontrava a dirigir, foi compreensível a minha escolha para o tema da dissertação de Mestrado, que veio a ser defendida em Novembro de 1997.

Apesar do hiato que separa a elaboração do estudo e a sua publicação, é minha convicção que este mantém actualidade e pertinência, dadas as suas características de estudo monográfico sobre contextos arqueológicos em grande parte inéditos. No entanto, algumas alterações foram introduzidas ao texto académico, tanto na forma, como principalmente no conteúdo. Destacam-se as colaborações de dois colegas, Armando Sabrosa e Cidália Duarte, parceiros de trabalho de longa data, cujas contribuições, respectivamente, no catálogo de peças arqueológicas e no estudo antropológico da sepultura paleocristã, enriqueceram, decerto, o trabalho original.

Relativamente longo é o percurso que leva a esta publicação, como é longa a lista dos agradecimentos devidos. A intervenção arqueológica que lhe deu origem foi da responsabilidade directa do Departamento de Arqueologia do IPPC/IPPAR, organismo ao qual devo agradecimentos, nas pessoas do Dr. Fernando Real e Dr. Clementino Amaro, pelo convite para dirigir os trabalhos. Ao BCP e mais recentemente, à Fundação BCP (Dr. Camilo Melo e Dr.ª Ângela Brito), todo o apoio e meios colocados à disposição da equipa, nas várias fases da intervenção propriamente dita e também, já posteriormente à sua conclusão, no acesso à estação arqueológica, actualmente à guarda desta instituição privada.

Ao meu orientador na dissertação de mestrado, Prof. Dr. Rui Centeno, expressei o meu reconhecimento por toda a paciência que demonstrou e confiança que depositou no meu trabalho, que não conhecia, quando este ainda mal se esboçava. Na última fase, agradeço o estímulo e o debate, através dos quais consolidei opiniões e atenuei certezas.

A nível individual este trabalho deve muito à minha família (mãe e filho) que foi, simultaneamente, suporte e vítima de todo o processo; a José Morais Arnaud, a quem devo a minha profissão; e ainda à ajuda e apoio de Antónia González Tinturé, António José Cruz, Alexandra Estorninho e Maria Ramalho (também pela cedência de bibliografia). Um agradecimento muito especial é devido aos colegas e amigos que me acompanharam nos dois anos (tempo útil) de escavação, que à frente mencionarei. À Dr.ª Maria Maia agradeço a disponibilidade e simpatia com que me recebeu e esclareceu todas as dúvidas relativas à classificação das peças em *terra sigillata*.

Ofereço, igualmente o meu reconhecimento a todos os colegas que aceitaram debater comigo as questões relacionados com a indústria conserveira romana, o urbanismo de *Olisipo*, etc., enriquecendo a minha reflexão com as suas opiniões e sugestões: António Faria (agradeço também a cedência de bibliografia), José Luis de Matos, Carlos Fabião, António

Dias Diogo, Guilherme Cardoso, Luis Barros, Rodrigo Banha da Silva e Manuel Maia. Ao Centro de Arqueologia de Almada agradeço o empenho empregue na investigação da romanização do Vale do Tejo, sem a qual esta dissertação seria, seguramente, mais pobre e, igualmente, a cedência de bibliografia.

Agradeço, igualmente, as contribuições mais directas no trabalho, tanto na fase de elaboração da dissertação, como na fase de preparação da publicação: dos desenhadores Armando Sabrosa (campo, gabinete e peças), José Luis Monteiro (campo e gabinete), Ivone Tavares (peças), António José Cruz (gabinete e grafismo), Ana Sofia Gomes (peças) e Maria João Sousa (peças).

Finalmente, agradeço a possibilidade de publicação oferecida pelo Instituto Português de Arqueologia, cujo esforço nesta área tem modificado significativamente o panorama nacional da divulgação científica em Arqueologia. Mais uma vez, à Fundação BCP, endereço o meu reconhecimento pelo patrocínio atribuído à publicação deste trabalho que, de uma forma desprendida, espero que contribua para um melhor conhecimento do papel desempenhado por *Olisipo*, na produção e distribuição de preparados de peixe, no Império Romano.

# Introdução

Este trabalho surge na sequência da primeira escavação em área de um complexo industrial romano de transformação e conserva de peixe, em Lisboa (entre 1991 e 1995). Considerou-se que uma intervenção deste tipo poderia conter potencialidades para o avanço do conhecimento do sítio — área industrial de *Olisipo* —, dos locais arqueológicos com ele relacionados na região de influência da cidade — outras unidades industriais, olarias industriais etc. — e também, deste tipo de contexto em termos gerais — unidades conserveiras romanas. Estes elementos poderiam, posteriormente, fornecer pistas para a caracterização de *Olisipo* como centro urbano, económico e redistribuidor e até para o conhecimento da própria economia da província da Lusitânia.

O âmbito cronológico deste estudo é o período imperial romano e o espacial, o estuário do Tejo, com enfoque no complexo industrial do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, em Lisboa, sem prejuízo de uma integração geográfica e temporal mais vasta, indispensável à compreensão desta actividade económica. Assim, num primeiro momento, procedeu-se a uma caracterização geral da indústria de transformação e conserva de peixe (essencialmente, com recurso à bibliografia disponível), numa abordagem que se pretendeu simultaneamente descritiva e problematizante, de forma a que, nos pontos seguintes do trabalho, se pudessem apontar vias interpretativas, nos casos concretos analisados.

Os principais problemas que surgiram nesta fase relacionavam-se, por um lado, com o carácter sintético dos estudos gerais mais importantes (Ponsich e Tarradell, 1965; Ponsich, 1988) e, por outro, com o facto de grande parte da informação disponível, sobre este tipo de locais arqueológicos, ter a sua origem em intervenções arqueológicas antigas. Neste contexto, as publicações revelaram-se, frequentemente, omissas no que se refere a dados importantes para o tipo de análise pretendida neste trabalho, nomeadamente, leituras estratigráficas pormenorizadas.

No que diz respeito ao esclarecimento do papel desta actividade, na Lusitânia, o estudo pioneiro de Edmondson (1987), para além de tentar sistematizar os elementos cartográficos e bibliográficos com ela relacionados, veio atribuir-lhe, sem margem para dúvidas, a importância devida, no quadro da economia da província e no quadro geral do Império.

No mesmo contexto se integram os estudos monográficos, mais ou menos aprofundados, que têm vindo crescentemente a surgir, de unidades e complexos industriais, identificados em território lusitano: Tróia (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994), Setúbal (Silva e Coelho-Soares, 1981; Silva, Coelho-Soares e Soares, 1985; Silva e Coelho-Soares, 1987); Ilha do Pessegueiro (Silva e Soares, 1993) e *Olisipo* (Amaro, 1990a, 1994; Diogo, 1994). Por outro lado, nas últimas duas décadas, tem-se avançado, consideravelmente, no conhecimento sobre as olarias industriais e sua produção, que no mesmo âmbito espaço-temporal, produziam ânforas e cerâmica comum, destinadas ao processamento e transporte dos produtos piscícolas (Alarcão e Mayet, 1990). A identificação e estudos de unidades e olarias industriais, em número crescente, contribuiu para uma caracterização mais fundamentada das três principais zonas produtivas: a costa Algarvia, o estuário do Sado e o estuário do Tejo, as duas primeiras, já classicamente referidas e a última, a que este trabalho se dedica, revelada mais recentemente. A identificação, em 1997, de um forno de produção anfórica —

Dressel 7-II, Dressel 14 entre outras — em Peniche (Cardoso, Gonçalves e Rodrigues, 1998), veio acrescentar mais um elemento á discussão, tanto pela sua cronologia relativamente antiga, como pelo ponto geográfico em que se implanta, fora das três áreas de produção já reconhecidas.

Assim, a interpretação dos dados recolhidos no sítio em estudo, beneficiará destes dados recentemente divulgados, uma vez que se privilegiará a abordagem de conjuntos. As conclusões que daqui resultem, referindo-se a uma escavação em área, poderão ser passíveis de transposição para sítios arqueológicos afins, mas de visibilidade mais restrita, contribuindo para a sua melhor compreensão.

O complexo industrial do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, nas suas componentes estruturais e estratigráficas, será analisado descritivamente, sincrónica e diacronicamente, recorrendo à integração urbanística e regional e à caracterização dos estratos de assentamento, construção, remodelação, abandono e reutilização das estruturas. Devido a um conjunto de factores, ligado às características patrimoniais e ao potencial estratigráfico do sítio, será dado especial relevo à sua última fase de laboração e aos seus contextos do abandono.